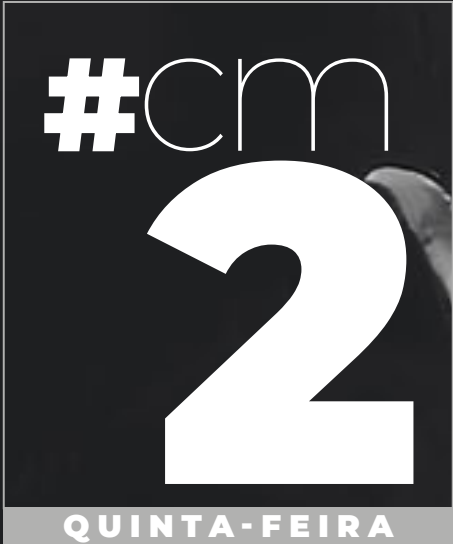




Um *tesouro* restaurado

Ao **remasterizar** o álbum **‘Elis 73’**, o produtor **João Marcello Bôscoli** e o engenheiro de som **Ricardo Camera** atualizam um dos **maiores discos da MPB** e levam a **eterna Elis Regina** de volta **para o estúdio.**

Página 2

Elis
Regina
em
especial
da TV
Cultura,
exibido
em 1973

Reprodução YouTube e Fotos/Divulgação

Trabalho em favor de uma voz brilhante

Novos recursos fazem com que reedição do álbum restabeleça a excelência da voz de Elis Regina

AFFONSO NUNES

A voz de Elis Regina soava, no álbum que ela lançou em 1973, como se viesse de trás de um vidro. Não por falta de talento — isso nunca foi questão — mas por limitações técnicas da captação da época, que comprometiam a clareza do que foi gravado. Cinquenta e três anos depois, o disco homônimo “Elis”, lançado originalmente pela Phonogram quando a cantora tinha 27 anos, chega às plataformas de streaming com nova mixagem e remasterização assinadas pelo produtor João Marcelo Bôscoli, filho da cantora, e pelo engenheiro Ricardo Camera. O resultado é o mais próximo que se pode chegar de ouvir Elis Regina com a nitidez que ela merecia desde sempre.

O projeto nasceu de uma insatisfação antiga. Fãs mais atentos sempre apontaram o áudio do álbum de 1973 como um ponto fraco na discografia da cantora. A esperança de que algo fosse feito cresceu em 2021, quando João Marcello e o engenheiro Carlos Freitas remasterizaram “Elis 72”. Desta vez, a parceria foi com Ricardo Camera — engenheiro que acumula três Latin Grammy em 2025 —, com apoio da Universal Music Brasil, herdeira do catálogo da Phonogram.

O trabalho levou quase dois anos. Ao abrir as faixas, a dupla encontrou um cenário complicado: a gravação, feita em oito canais, trazia problemas estruturais difíceis de contornar. O mais grave era a bateria, captada com apenas um microfone, cujo som vazava para o

canal do piano e criava um resíduo incômodo ao longo de todo o disco. “Tivemos de separar os sons das peças da bateria e retirar os vazamentos”, explica Camera, que demonstrou em áudio a quantidade de ruídos que surgem quando o piano é isolado. A solução exigiu precisão cirúrgica: nenhuma nota foi alterada, nenhuma intenção artística foi tocada. O que mudou foi a camada de interferência que encobria todo o material.

O resultado final incorpora a tecnologia Dolby Atmos, que distribui os instrumentos em posições específicas ao redor do ouvinte, criando algo como um palco sonoro tridimensional. “Respeitamos a ideia da gravação original e fizemos a voz de Elis sair de dentro da cabeça de quem a ouve para torná-la ainda mais confiante”, diz Camera. Para João Marcello, a restauração era uma questão pessoal. “Sempre achei

“Sempre achei o áudio desse álbum muito estranho. E muitos fãs me procuravam para dizer o mesmo”

JOÃO MARCELO BÔSCOLI

o áudio desse álbum muito estranho. E muitos fãs me procuravam para dizer o mesmo.” Até o fim do ano, o relançamento ganhará também versão em LP.

O álbum em si é um dos momentos mais introspectivos da carreira de Elis. Em 1972, ela havia gravado “Águas de Março” e “Casa

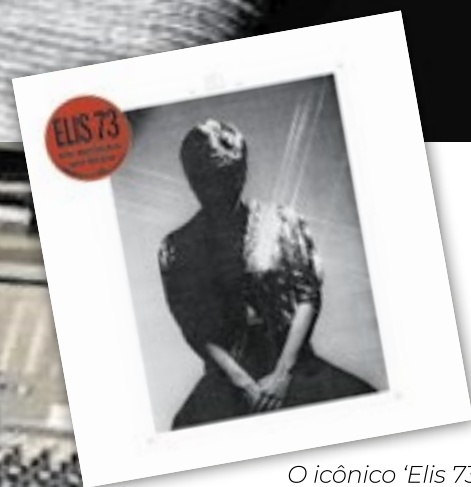
no Campo”. Em 73, não estava para levezas. Com exceção dos sambas “Ladeira da Preguiça” e “Meio de Campo”, de Gilberto Gil, o repertório mergulha fundo: mais canções de Gil (“Oriente” e “Doente Morena”, em parceria com Duda Machado) e uma sequência de composições da dupla João Bosco e Aldir Blanc — “O Caçador de Esmeralda” (com Claudio Tolomei na coautoria), “Agnus Sei”, “Cabaré” e “Comadre”. O samba lento “É com Esse Que eu Vou”, de Pedro Caetano, e a clássica “Folhas Secas”, de Nelson Cavaquinho com Guilherme de Brito, completam um disco que, na época, foi recebido com ressalvas por parte da crítica.

Alguns jornalistas consideraram a interpretação de Elis fria e técnica demais. Ela riu ao ser confrontada com a opinião. Décadas depois, João Marcello é mais direto. “Foi a coisa mais estúpida escrita na histó-

ria da crítica mundial”, ataca.

Parte dessa percepção de frieza, no entanto, pode ter vindo do próprio áudio opaco, que impedia que a entrega emocional de Elis chegasse intacta ao ouvinte. Ouvir hoje “Folhas Secas” ou “Cabaré” na versão remasterizada é confrontar essa teoria diretamente — a voz ganha profundidade e se posiciona à frente da mixagem, enquanto detalhes dos arranjos, antes encobertos pelo ruído, aparecem com clareza. A direção musical era de Cesar Camargo Mariano, então marido da cantora.

O projeto foi concebido para celebrar os 80 anos que Elis faria em 2025, mas a complexidade do trabalho adiou o lançamento para este ano, na semana do aniversário da cantora (nascida em 17 de março). O disco chega agora às plataformas — e soa, pela primeira vez, como deveria ter soado desde o começo. Elis merece.



O icônico ‘Elis 73’ ganha nova edição remasterizada e remixada pelas mãos de seu filho, o produtor João Marcelo Bôscoli

A baixa qualidade da captação original do álbum era algo que incomodava João Marcelo Bôscoli, guardião do legado de Elis

Brasil e Ibéria que cabem num duo

Pianista Bianca Gismonti e violonista Manuel de Oliveira apresentam temas autorais e obras de Egberto Gismonti e do português Zeca Afonso

AFFONSO NUNES

O Teatro Rival Petrobras recebe nesta quinta-feira (19), às 19h30, o duo formado pela pianista Bianca Gismonti e o violonista português Manuel de Oliveira. O programa reúne composições autorais dos dois, além de obras de Egberto Gismonti e do compositor português Zeca Afonso.

Manuel de Oliveira, natural de Guimarães (norte de Portugal), construiu ao longo de mais de duas décadas uma trajetória sólida na música instrumental contemporânea. Seu trabalho investiga temas como identidade, território e fronteira — questões que

aparecem tanto nas composições quanto nas parcerias que escolhe. Seu álbum “Ibéria 20|22”, gravado com músicos espanhóis como o flautista Jorge Pardo e o baixista Carles Benavent, venceu o Prêmio Carlos Paredes 2023. O júri destacou que o disco conseguia fundir Portugal e Espanha sem demarcar fronteiras. Ao longo da carreira, Oliveira dividiu palco com músicos do calibre de Brad Mehldau, Chick Corea e Mike Stern.

Bianca Gismonti começou a acompanhar o pai, Egberto Gismonti, em turnês internacionais ainda na adolescência. Com o tempo, construiu uma linguagem própria: lançou os álbuns “Dreams of Birth” (2013) e “First Sky” (2015) e integra o festejado



Bianca Gismonti e Manoel de Oliveira começaram a se apresentar em conjunto no fim do ano passado e, depois do giro pelo Brasil, planejam uma turnê europeia

Duo Gisbranco ao lado da pianista Claudia Castelo Branco. Sua atuação transita entre o jazz, a música instrumental brasileira e a música de câmara, com apresentações regulares em festivais no Brasil e na Europa.

A parceria entre esses dois músicos ganhou corpo durante o Festival Amajazz On, em Belém, no fim do ano passado, e rodou Portugal antes de chegar ao Brasil. O show no Rival integra uma turnê de oito cidades. O material gravado deve virar produto audiovisual, e uma turnê europeia está prevista ainda para este ano.

No palco, violão e piano operam em uma zona de escuta e improvisação onde nenhum dos instrumentos domina o outro — incluir Zeca Afonso ao lado de Egberto Gismonti no mesmo repertório diz algo sobre o eixo em que o duo se move: músicas que carregam memória coletiva e se abrem para o risco. O duo recene ainda as participações especiais de Jaques Morelenbaum, violoncelista e arranjador carioca com longa parceria com Caetano Veloso; e Fred Martins, violonista, cantor e compositor com raízes no choro e na música popular.

SERVIÇO

BIANCA GISMONTI & MANUEL DE OLIVEIRA

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, Cinelândia) 19/3, às 19h30
Ingressos a partir de R\$ 50

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Autoralidade ao piano e voz no CCJF

Julie Wein, cantora, compositora, pianista e neurocientista, se apresenta nesta quinta (19), às 19h, no Centro Cultural da Justiça Federal com o show “Infinitos Encontros”. Ao piano e voz, o repertório reúne músicas do seu primeiro álbum autoral homônimo, lançado pela Biscoito Fino em 2022, e composições de nomes consagrados da MPB.



Carolina Werneck/Divulgação

Textos musicados de Carolina Maria de Jesus

Socorro Lira apresenta “Dá-me as Rosas”, show que transforma em canção a poesia de Carolina Maria de Jesus, nesta quinta (19), às 19h, no Espaço Cultural BNDES. O espetáculo reúne poemas musicados da autora de “Quarto de Despejo”. O projeto também presta homenagem a Maria Firmina dos Reis e Ruth Guimarães, celebrando a canção como elo entre literatura, memória e resistência feminina.



Murilo Alvesso/Divulgação

Uma voz pelo amor, paz e liberdade

A cantora e compositora pernambucana RoB Love lança o álbum “Magik” nesta quinta (19), no Manouche. Produzido por Kassin e Mário Caldato Jr., o disco reúne doze faixas autorais que mesclam reggae em português e inglês, groove solar e rocks românticos. Com direção artística de Silvia Machete, o show trabalha aprofunda a identidade musical da artista recifense, com letras sobre amor, liberdade e paz.



Jorge Bispo/Divulgação

Mirna Rubim entre música, teatro e humor

Mirna Rubim se apresenta nesta quinta-feira (19), às 20h, no Blue Note Rio com o show “Mirna Rubim Inteira”. Em clima intimista, o espetáculo transita entre música, teatro e humor, reunindo canções do teatro musical em português, árias de ópera e composições próprias. Com mais de 40 anos de carreira, a atriz e cantora aborda etarismo, neurodivergência e identidade feminina.



Divulgação

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)



Acervo pessoal

Zico entre amigos no Quintino que nunca abandonou

Zico, o herói carioca que o subúrbio forjou

NO DIA 30 DE ABRIL, QUANDO ESTREAR “ZICO, o Samurai de Quintino”, de João Werner, talvez o cinema faça aquilo que o Rio faz de melhor: contar a si mesmo em voz alta, como quem puxa um samba antigo e reconhece, no primeiro acorde, que aquela história também lhe pertence.

PORQUE ZICO NÃO NASCEU ÍDOLO. NASCEU INSISTÊNCIA. Quintino não é bairro de criar mito pronto. É lugar de forjar gente no compasso do dia - com condução cheia, calor dilacerante e infância jogada na rua como quem joga conversa fora.

ALI, O MENINO ARTHUR APRENDEU CEDO QUE A BOLA não era só brinquedo: era linguagem. Uma espécie de reza em movimento. No futsal miúdo do subúrbio, do Ríver da Piedade, onde o espaço é curto e a solução precisa ser rápida, ele foi alfabetizado pelo improviso. Jogava no Juventude de Quintino, com os irmãos, entre um drible e outro, como quem aprende a gingar na vida. Não havia plateia, havia vizinhança. Não havia futuro desenhado, havia desejo - desses que não fazem alarde, mas também não recuam.

ERA UM CORPO FRÁGIL, DIZIAM. Quase um risco de giz no asfalto. E, no entanto, havia nele uma teimosia que o Rio conhece bem: a de não aceitar o limite como ponto final. Zico foi se escrevendo na marra, na repetição, na disciplina quase devocional. Como um ogã que aprende o toque antes de ser chamado para a roda.

PORQUE HÁ, NO SUBÚRBIO CARIOCA, uma pedagogia invisível - uma escola que não cabe em currículo, mas forma gerações inteiras. É ali que o talento deixa de ser exceção e vira possibilidade. É ali que o improviso encontra método, que a carência vira invenção, que a alegria não pede licença para existir.

ZICO É FILHO DIRETO DESSA ESCOLA. Quando chegou ao mundo grande, já não era promessa: era linguagem pronta. Cada gol tinha sotaque, cada passe era resultado de um código criado por ele mesmo. E mesmo quando o Maracanã, lotado de torcedores do Flamengo, rugia, havia nele um silêncio antigo - o da quadra, o da rua, o da infância que nunca foi embora.

TALVEZ POR ISSO TENHA VIRADO HERÓI. Não desses inalcançáveis, esculpidos em mármore frio, mas dos que a cidade reconhece como espelho. O herói carioca não sobe no salto - se mistura. Anda entre os seus, fala a mesma língua, guarda no gesto a memória do lugar de onde veio.

O FILME TENTA CAPTURAR ISSO. Mas há coisas que escapam da lente. Escapa o subúrbio como força criadora. Escapa a Zona Norte como território de invenção cotidiana - esse chão fértil que insiste em florescer mesmo quando lhe negam água. Porque ali, onde o poder público costuma chegar tarde ou nem chegar, a vida se antecipa. E cria. De forma pujante.

SE FEZ EM ZICO UM DOS MAIORES DE TODOS, não foi por acaso. Foi por contexto. Por cultura. Por uma engrenagem invisível que transforma escassez em arte. A Zona Norte não é falta. É excesso - de talento, de história, de possibilidade. O que lhe falta não é grandeza. Nunca foi. O que lhe falta é o direito de não precisar produzir heróis para provar que existe.



Carolina Calcavecchia/Divulgação

'Duvido' é o segundo texto da atriz Marcéli Torquato para o teatro

Enquanto Hamlet não vem

Monólogo de Marcéli Torquato, com direção de Camila Nhary, 'Duvido' estreia nesta quinta no Teatro Municipal Café Pequeno

Numa sociedade de que cultua a autoconfiança e celebra quem decide rápido e segue em frente sem hesitar, o que acontece com quem não sabe? Com quem tropeça, recua, questiona? É exatamente esse estado — o da dúvida como condição humana e não como fraqueza — que a atriz e dramaturga Marcéli Torquato coloca no centro de “Duvido”, monólogo que estreia nesta quarta-feira, 19 de março, no Teatro Municipal Café Pequeno, no Leblon. A direção é de Camila Nhary, atriz e uma das fundadoras do Bando de Palhaços S.A., que assina aqui sua primeira incursão na direção teatral.

O ponto de partida é Hamlet. Não o príncipe dinamarquês em si, mas o que ele representa na tradição literária ocidental: o arquétipo da hesitação levada às últimas consequências. O famoso “Ser ou não ser?” de Shakespeare não aparece como citação decorativa — atravessa o espetáculo como confronto direto com a pergunta que a personagem não consegue responder: o que significa seguir em frente quando tudo parece incerto?

A estrutura dramática parte de uma situação simples: uma atriz espera Hamlet, que está atrasado.

“A peça mostra a saga de uma mulher que está diante do público em busca de validação, esperando que alguém diga para ela o que fazer, como seguir, o que vestir”

MARCÉLI TORQUATO

Enquanto ele não chega, o palco se transforma. Vira aeroporto, casa, pensamento. Entre malas, voos e perguntas que se acumulam, a personagem percorre territórios que vão da infância à maternidade, do amor ao luto, do medo ao desejo. Textos clássicos de Shakespeare são costurados a temas atuais e o diálogo direto com o público cria um jogo instável entre o que está ensaiado e o que escapa ao controle — en-

tre a segurança do que se repete e a imprevisibilidade da vida real.

“A peça mostra a saga de uma mulher que está diante do público em busca de validação, esperando que alguém diga para ela o que fazer, como seguir, o que vestir”, descreve Torquato. “Acredito que é uma busca que todos nós fazemos enquanto passamos pela vida, buscamos nossos espelhos, nossos pares, nos entendemos e nos encontramos nos outros.” A autora define o espetáculo como “um elogio a seguir em frente catando cavaco, de seguir sem certezas. A certeza sempre é uma aposta.”

Marcéli Torquato tem mais de 20 anos de carreira no teatro. Passou por grupos como o Milongas — onde recebeu três indicações e uma premiação no Festival Nacional de Teatro de Limeira — e o Teatro Caminho, além de ter trabalhado com diretores como João Fonseca, Diogo Liberano e Joana Lebreiro. Na televisão, participou das novelas “Fuzuê” e “Família é Tudo”, da Rede Globo. “Duvido” é seu segundo texto teatral autoral — o primeiro, “Saia”, estreou em 2019.

Camila Nhary, que dirige o espetáculo com assistência de Verônica Rocha, enfrenta o desafio de tornar visível em cena a linha tênue entre verdade e mentira. “Em tempos de fake news, de redes sociais, filtros e procedimentos estéticos, passamos a duvidar de nós mesmos, das nossas verdades, dos nossos reais desejos e necessidades, da nossa sanidade”, analisa a diretora. “O espetáculo provoca a dúvida no espectador o tempo inteiro, colocando tudo que é apresentado a ele em xeque. Tudo pode ser verdade, e as verdades se tornam mentira num piscar de olhos.”

SERVIÇO DUVIDO

Teatro Municipal Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon)
De 19/3 a 12/4, quinta* (20h), sextas e sábados (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia) | *Apenas 19/3

O cotidiano que nos faz rir

Escrita e dirigida por Fábio Porchat, a comédia ‘Agora É Que São Elas’ chega à Baixada Fluminense

Escrita e dirigida por Fábio Porchat, “Agora É Que São Elas” chega pela primeira vez a um palco da Baixada Fluminense em apenas duas sessões — neste sábado e domingo (21 e 22), às 20h e 18h, respectivamente — no Teatro Nova Iguaçu Petrobras. No palco, Júlia Rabello, Maria Clara Gueiros e Priscila Castello Branco interpretam dezenas de personagens em nove esquetes.

Parte dos textos foi escrita por Porchat em 2004 e 2005, quando ainda era estudante da CAL — Casa das Artes de Laranjeiras — e alguns deles chegaram a ser encenados ao lado do saudoso Paulo

Gustavo (1978-2021). O restante é mais recente, mas o conjunto funciona como bloco coeso: situações cotidianas, personagens reconhecíveis, timing afiado. “É um humor de identificação. Há pessoas que se reconhecem nos personagens ou conhecem alguém que se parece com eles”, descreve o diretor.

Os nove esquetes cobrem um território amplo: duas amigas divididas entre superstição e ceticismo; um casal ansioso comparando o desenvolvimento do filho de oito meses com o de outras crianças; uma fã que lista defeitos na influencer que supostamente admira enquanto tenta tirar uma selfie; três amigas reunidas para exibir os resultados de cirurgias plásticas feitas pelo mesmo médico; uma mãe que se propõe a ter uma conversa aberta sobre sexo com a filha adolescente — e sai perdendo; a Mulher Maravilha sobrecarregada que se recusa a ajudar uma vítima de roubo; um otimista inveterado que perdeu um braço e ainda assim vê o lado bom de tudo; um casal entediado que começa a simular sons de sexo ao ouvir os vizinhos; e um anjo especializado em livrar as pessoas de situações constrangedoras — pela morte.

As três atrizes têm trajetórias

distintas que se cruzam no palco. Maria Clara Gueiros é bailarina, estreou no teatro em 1987 com “Na Cola do Sapateado” e ganhou projeção nacional no humorístico “Zorra Total”, entre 2004 e 2007. Júlia Rabello construiu público na internet como integrante do Porta dos Fundos e participou das novelas “A Regra do Jogo” (2015) e “Rock Story” (2016). Priscila Castello Branco passou pelo drama — esteve em “Cenas de uma Execução” (2016) — mas consolidou carreira no stand-up com o solo “Tô Quase Lá”.

A peça estreou em março de 2024 no Festival de Curitiba, ficou quatro meses em cartaz no Teatro dos 4, no Rio, com sessões extras aos sábados, passou por Niterói com

O dramaturgo e diretor Fábio Porchat com Priscila Castello Branco, Júlia Rabello e Maria Clara Gueiros que integram o elenco de ‘Agora É Que São Elas’

ingressos esgotados e seguiu para o Teatro das Artes, em São Paulo. Fluminense.

Para Porchat, o que sustenta a peça é a qualidade das intérpretes. “Um texto de comédia só funciona sendo feito por comediantes que acreditam nele e

que sabem pegar esse texto e ir além. Essas mulheres melhoram o meu texto e as piadas”, diz o diretor.

SERVIÇO

AGORA É QUE SÃO ELAS

Teatro Nova Iguaçu Petrobras (Rua Coronel Bernardino de Melo, 1081, k11)
21 e 22/3, sábado (20h) e domingo (18h)
Ingressos entre R\$ 45 a R\$ 110

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Retratos da violência

A Trupe Silvas apresenta “Teresas”, espetáculo que aborda as várias facetas da violência contra a mulher, com temporada até o dia 28 no Teatro Gonzaguinha, no Centro de Artes Calouste Gulbenkian. Com texto e direção de Madu Emmerick, a peça conquistou o Júri Popular do Festu 2025, festival dedicado a revelar novos nomes do teatro brasileiro. Amanda Livia, Beatriz Venâncio, Cesar Werneck, Jhessy S, João Vitor Ferraz e Juliane Andrade integram o elenco. As sessões acontecem de quarta a sábado.



Mártir LGBTQIAPN+

A peça “Filipa” fica em cartaz até o dia 27 no Teatro Gláucio Gill. O espetáculo recria o julgamento de Filipa de Sousa (1556-1600), portuguesa condenada pela Inquisição na Bahia por prática de lesbianismo. A atriz Waleska Arêas interpreta a personagem-título, seu inquisidor e uma narradora. Considerada uma das primeiras vítimas de homofobia no Brasil, Filipa é ícone do movimento LGBTQIAPN+. Seu caso é tido como o primeiro de perseguição sexual pelo Tribunal do Santo Ofício no país.



Édipo farsesco

Em cartaz até 27 de março no Teatro Cândido Mendes, em Ipanema, a comédia “Édipo De Novo?”, com texto e direção de Thiago Bomilcar Braga, relê o clássico grego de Sófocles (496 a.C.-405 a.C) com linguagem farsesca, inspirada em elementos do teatro de revista, do besteirol carioca e dos melodramas latinos. Aline Cruz, Fabio Lâura, Felipe Pêpe e Laurent Janod integram o elenco desta montagem cuja proposta é tornar a tragédia de Édipo acessível ao grande público, com humor e leveza.

Herança afetiva de Laurent Cantet

Divulgação

‘Enzo’, que chega hoje às telas, foi rodado por Robin Campillo a partir de escritos do finado diretor de ‘Entre os Muros da Escola’, cuja obra, sobretudo, ‘@Arthur Rambo’, brilha online



Divulgação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A tração de abertura da Quinzena de Cineastas de Cannes de 2025, “Enzo” chega hoje ao Brasil como um filme-testamento dos afetos que guiaram a obra do francês Laurent Cantet (1961-2024), ganhador da Palma de Ouro de 2008 por “Entre os Muros da Escola” e apaixonado pelo Rio de Janeiro. Esteve aqui no ano de lançamento de sua obra-prima e voltou em 2017, a fim de integrar a comitiva europeia de convidados da Festa Literária das Periferias (Flup), com seu fetiche pela educação na adolescência. Antes de morrer, aos 63 anos, em decorrência de um câncer, ele deixou um argumento inacabado do longa-metragem que acaba de aterrizar aqui, antes chamado “L’Apprenti”.

As anotações de Cantet foram retrabalhadas e filmadas por seu amigo e habitual parceiro de escrita, Robin Campillo, diretor do sucesso “120 Batimentos Por Minuto” (Grande Prêmio do Juri em Cannes em 2017). A trama, deixada como herança a Campillo, finca os olhos no processo de amadurecimento do personagem título, vivido por Eloy Póhu, cujo coração está anuviado por hormônios e angústias.

O que vemos é a luta de Enzo para se encontrar no mundo, numa recusa do abastado patrimônio familiar em prol de um investimento na vida de pedreiro. Ele luta com os colegas e com o mestre de obras,

mas busca paz no afeto da jovem que deseja e em amizades fugazes.

O respeito que Cantet adquiriu em vida cancelou “Enzo” como iguaria e despertou um movimento de redescoberta de sua obra, que passou a atrair mais cliques no ambiente dos streamings. “Entre os Muros da Escola”, que rendeu a ele a Palma de Ouro, em 2008, por decisão unânime de um júri presidido por Sean Penn, hoje arrasta internautas para a plataforma Reserva Imovision. Ele está no Prime Video da Amazon também, como “A Classe”. Pela Imovision é possível encontrar ainda um Cantet menos citado: “Retono À Ítaca”, de 2014, que evoca memórias cubanas. Porém o título hoje mais buscado é seu derradeiro longa como realizador, “@Arthur Rambo – Ódio nas Redes”, que disputou a Concha de Ouro em San Sebastián, em 2021. O longa pode ser alugado ou comprado no YouTube.



Joachim Tourné/bize/FDC

A dolorosa saga de reinvenção afetiva do protagonista de ‘Enzo’, que comoveu a Quinzena de Cannes, foi a herança de Cantet

Rabah Nait Oufella é Karim D. em ‘@Arthur Rambo’, hoje no YouTube

Laurent Cantet em uma de suas últimas aparições públicas

sonhos”, disse Cantet ao Correio da Manhã quando anunciou o projeto de “@Arthur Rambo – Ódio nas Redes”. “Eu não sigo ideologias partidárias em meu discurso. Mas eu faço da inclusão uma bandeira. O que me guia é o interesse na complexidade humana”.

De um domínio espartano das ferramentas narrativas da tensão, o longa acompanha o ódio que as redes sociais passam a destilar, da noite para o dia, contra um escritor best-seller de origem argelina depois que uma série de tweets postados por ele, quando mais moço, espalham-se pela web. Rabah Nait Oufella vive o protagonista, Karim D. No auge de seu sucesso, com um livre baseado no cotidiano de sua mãe, uma imigrante, o rapaz passa a ser rejeitado por todos que lhe papricavam depois do vazamento de seus escritos sob o pseudônimo de Rambo. Pra atrair curtidas, ele era agressivo em suas postagens, atacando judeus e a comunidade gay, praticando gordofobia e sendo machista. Mas a retaliação que sofre por essas ideias nada empáticas será das mais brutais. Cantet parte desse mote para debater o linchamento virtual.

“Karim D. é a representação viva da fratura social entre os mundos periféricos”, diz Cantet ao Correio, num papo em San Sebastián, onde lembrou sua passagem pela Festa Literária das Periferias (FLUP), no Rio de Janeiro, em 2017. “Entre os adolescentes, a ficção se contorce a partir de vetores da realidade, gerando choques com as convenções. A literatura ainda é um dos mais fortes caminhos de um jovem atrair a mirada do mundo para suas angústias”.

Achismos decorrentes do chamado “efeito manada”, a predisposição coletiva em atacar alguém por conta de uma histeria coletiva, quase sempre alimentada pelo Facebook, são o foco desse filme devastador, rodado por um diretor que entrou para a posteridade por ser um investigador das fraturas sociais francesas. Ele exibiu seu estudo sobre a intolerância em Toronto antes de ir a San Sebastián.

“O redesenho que se ensaiou para o conceito de coletividade

preencheu lacunas que práticas de Poder não satisfazem, mas esbarrou numa obsessão pelo número de seguidores. O fervor para ter visibilidade na internet leva a atitudes nem sempre éticas. E eu me debruço sobre essa incompatibilidade entre o que é ser inclusivo e o que é ser excludente em todo o meu cinema, uma vez que ele se esforça em manter viva a discussão do que se passa sobretudo entre os jovens, que têm comportamentos sempre em ebulição, seja pelos hormônios, seja pelos

De Leos Carax a Mario de Andrade

Destaque no elenco de 'O Estrangeiro', que François Ozon tirou de Albert Camus, o ator Denis Lavant integra a nova adaptação de 'Macunaíma' para as telas

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Estima-se que o Festival de Cannes deste ano vá matar suas saudades de Denis Lavant ao exibir o recém-finalizado "Depuis Que Le Soleil A Brûlé", de Michaël d'Auzon, no qual o astro fetiche de Leos Carax esbanja sua destreza em movimentos corporais avessos às leis da gravidade. O evento está marcado de 12 a 23 de maio e ele poderá ou não participar desde que seu trabalho em "Les Apôtres Ne Font Pas Crédit", de Sylvain White, hoje a pleno vapor, estiver terminado a tempo. Falta ser rodado um pedaço de um outro longa-metragem ao qual este arlequim de 64 anos está associado e que mexe, um bocado, com a curiosidade brasileira: "Makunaima XXI", de Zahy Tentehar e Felipe M. Bragança.

Em 2025, o astro de cults como "Holy Motors" (2012) passou pelo Rio para filmar o primeiro hemisfério da produção e, logo que chegou, deu uma palestra na Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM), para rever seu legado. Ficou pouca coisa da língua portuguesa – fora os versos "Minha terra tem palmeiras/onde canta o sabiá" – nas saudades que ele guardou de sua aventura brasileira.

"O único parâmetro concreto que a minha forma de atuar comporta é a prática do efêmero, e eu levei esse jeito de criar, baseado no transbordamento, na loucura, comigo ao Brasil. Tentei confrontar meus colegas de cena brasileiros com o máximo de respeito, na batalha para poder dominar o acento fonético da língua portuguesa", disse Lavant, logo após declamar o poema supracitado



Bethuel Foz/Gaumont



Divulgação

Salamano e seu cão circundam as reflexões existencialistas de 'O Estrangeiro'

O drama escandinavo 'Redoubt' recria tempos da Guerra Fria na qual um fazendeiro (Lavant) tenta fortalecer sua propriedade



Divulgação

O arlequim da França em 'Holy Motors', de seu diretor do coração, Leos Carax

de bate-pronto, ao cruzar com o Correio da Manhã ao fim da projeção de "Redoubt", drama com tons de suspense de CEP escandinavo, projetado na mostra New Directors do Festival de San Sebastián.

Seu rosto mobilizou o festival espanhol ainda em "O Estrangeiro" ("L'Étranger"), pérola do cineasta François Ozon que faz sucesso de público na Península Ibérica e tem provisão de chegada no Brasil no dia 16 de abril.

Seu papel é o de Salamano, um rabugento satélite de vizinhança do anti-herói, Meursault (Benjamin

Voisin), um francês que vive na Argélia dos anos 1930 e parece indiferente a tudo e a todos. Essa apatia começa a se transformar quando ele recebe a notícia da morte de sua mãe e, pouco depois, vive um encontro trágico que termina em assassinato. Antes do incidente, ele esbarra com Salamano em suas andanças por andares de um prédio velho, por onde aquela idosa figura carrega seu cachorro entre gritos e muita impaciência. Ele é uma medida da falta de vivacidade que assombrava o romancista e filósofo Albert Camus (1913-1960), autor da trama que

embasa a narrativa.

"Existe um abismo na imagem filmada que me atrai e está em Ozon, em Claire Denis, em Carax e no time do Brasil com que trabalhei", diz Lavant.

As marcas de suas 64 primaveras se espalham em suas feições sorridentes, de um bom humor contagiante, mas não apagam as alusões aos personagens muito locos que ele construiu em parcerias com o diretor Leos Carax ao longo dos anos 1980 e 90. Não por acaso, em sua excursão pelo Rio, em junho, o MAM exibiu "Sangue Ruim"

(1986), marco do legado inventivo que o ator francês construiu sob a recorrente troca com Carax.

"Eu sou o cinema mudo e Carax entendeu isso na minha busca pela densidade que mora no silêncio", define-se Lavant, ao definir um estilo construído a partir da formação de mímico e dançarino. "Ele é um cineasta que trabalha a imagem sem a dependência da palavra. Existem textos que nos encantam e despertam provocações. O texto em português que Felipe e a Zahy me deram, em 'Makunaima XXI', era delicioso. Eu tive um pouco de medo, pois estava filmando num país que não conhecia, sem ter noção da linha de atuação do elenco brasileiro. É preciso harmonia com seus pares, para que haja química. Apesar disso, cruzar o Atlântico para viver um personagem com bigodes que lembram o do Astérix me deu uma honra imensa, pois me permitiu ter a compreensão de uma outra realidade. Estou ansioso para vê-lo pronto e sei que eles estão fazendo um trabalho hercúleo".

Há quem diga que só os festivais de 2027 poderão atestar a pujança de Mario de Andrade (1893-1945) numa releitura que promete ser radical, com um colorido multicultural e com ecos de ancestralidades dos povos originários. Enquanto "Makunaima XXI" não sai, Lavant ajuda "Redoubt" a ganhar aplausos, sob a batuta do jovem cineasta de origem sueca John Skoog. O filme deles se passa no auge da Guerra Fria, numa estância rural da Escandinávia, onde o agricultor Karl-Göran Persson (Lavant) começa a fortificar sua casa. Ele recolhe sucata e a lança os metais nas paredes a fim de construir uma fortaleza destinada a proteger a si mesmo e aos seus vizinhos. Seus esforços são recebidos com perplexidade por todos, exceto pelas crianças. À medida que a construção avança, também avança o conflito com as pessoas da aldeia.

"Tive que aprender sueco e praticar uma rotina agrícola para construir esse homem, vivendo isolado numa casa. Uma bicicleta era o sinal mais próximo de Modernidade que eu tinha. A vivência solitária numa vastidão de campo era fundamental para que eu encontrasse sua essência. Não sou um ator de método, sou um artista que encontra sua voz na pesquisa, na experimentação. Não aposto em preparação prévia. O meu corpo reage às descobertas, ele pesquisa", diz Lavant, fiel à sua cinefilia. "Eu levo Leos Carax comigo a cada trabalho. Sempre há algo de 'O Amantes de Pont-Neuf' comigo, em cada novo filme".

Fotos/Amanda Mello/Divulgação



Cortejo do Pará

Tem carimbó na rotunda

CCBB RJ fecha março com programação educativa gratuita inspirada em fotografias paraenses

A segunda quinzena de março no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB RJ) chega com seis atividades educativas e culturais gratuitas articuladas à exposição “Vetores-Vertentes: Fotografias do Pará”. O programa, desenvolvido pelo CCBB Educativo – Lugares de Culturas, inclui apresentação de carimbó, contação de histórias indígenas e amazônicas, laboratório de teatro de sombras e oficinas para crianças pequenas.

A exposição que ancora a programação reúne mais de 160 obras de fotografias do Pará e funciona como ponto de partida para que o setor educativo do CCBB explore temas ligados à cultura, ao território



e à memória da região amazônica. A ideia é que as atividades não apenas complementem a visita à mostra, mas funcionem como portas de entrada independentes para o público que talvez nunca tenha parado para pensar no Norte do Brasil além do clichê do verde e do rio.

O “Cortejo do Pará” é a atividade de mais visualmente chamativa da programação. A equipe do CCBB Educativo se apresenta na rotunda



Laboratório de Artes - Lummiando Histórias

Hora do Conto - Histórias da Minha Terra (E) e O Grande Mistério (D)

do museu — o espaço circular no térreo — com dança e música de Carimbó, ritmo de origem afro-indígena registrado pelo IPHAN como Patrimônio Cultural do Brasil em 11 de setembro de 2014.

Para preparar a apresentação, os educadores fizeram uma capacitação com Bárbara Vento, musicista e dançarina de carimbó nascida em Altamira, no Pará, e criada em Macapá, no Amapá, onde dirige o



grupo Carimbaby, dedicado a espetáculos e oficinas do ritmo para crianças. O objetivo declarado é preservar e transmitir a tradição oral dos mestres e mestras carimbozeiros — uma prática que depende justamente desse tipo de circulação fora dos circuitos do Norte para não ficar restrita a quem já conhece. O cortejo acontece às segundas, quintas e sextas de março, às 14h30, e é livre para todas as idades.

Nas tardes de fim de semana, o Ateliê Aberto do Educativo, no primeiro andar, concentra três atividades distintas. A Hora do Conto “O Grande Mistério” aborda o mito de origem do povo Iny — também conhecido como Karajá — e traz, como elemento narrativo paralelo, a figura das icamiabas, guerreiras da mitologia amazônica que, segundo a tradição oral, estão na origem do nome “Amazonas”. A sessão dura entre 30 e 40 minutos e acontece aos sábados e domingos, às 14h.

Já a Hora do Conto “Histórias da Minha Terra” parte do livro homônimo de Daniela Chindler, publicado pela Sapoti Projetos Culturais em 2023, para contar a fundação de Canaã dos Carajás, cidade no sudeste do Pará. A narrativa reúne causos dos primeiros moradores: um boi que invadiu uma sala de aula, uma cidade que sumiu do mapa, um bicho misterioso na mata. A atividade tem duração de 30 minutos, é indicada para crianças a partir de 5 anos e ocorre aos sábados, domingos e feriados, às 14h.

O Laboratório de Artes “Lumiando Histórias” propõe uma introdução ao teatro de sombras usando lendas e histórias do Pará como matéria-prima. A atividade é indicada para crianças a partir de 6 anos e tem sessões aos sábados e feriados às 15h e 17h, e aos domingos às 11h, 15h e 17h. Para o público mais novo, a atividade “Onde o Rio Começa”, da série Pequenas Mãos, convida crianças de 3 a 7 anos a interagir com um cenário baseado nas paisagens do Pará, explorando temas como origem, território e cuidado ambiental por meio de experiências sensoriais coletivas. Acontece aos sábados e feriados às 13h, com duração de 30 a 40 minutos e participação por ordem de chegada.

O CCBB Educativo também mantém as visitas mediadas às exposições em cartaz, com arte-educadores que acompanham grupos pela galeria e estimulam a reflexão sobre as obras. As visitas têm duração de uma hora e atendem escolas, ONGs, entidades e visitantes individuais, que devem agendar com antecedência pelo e-mail do educativo.

SERVIÇO

CCBB EDUCATIVO - LUGARES DE CULTURAS

Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 – Centro)

Laboratório – Lummiando Histórias — sábados e feriados (15h e 17h), domingos (11h, 15h e 17h). A partir de 6 anos
Visitas Mediadas — segundas e quintas (18h), quartas e sextas (11h, 16h e 18h), sábados e domingos (12h)
Até 30/3

– Rio de Janeiro (RJ)
Telefone: (21) 3808-2070
E-mail: agendamento.rj@programaccbbeducativo.com.br
Grátis